

Pe. Beto Mayer, omi

FRATERNIDADE MISSIONÁRIA CARLOS DE FOUCAULD

N Pelos caminhos do Nazareno

PISTAS PARA UM DISCIPULADO
NA MÍSTICA DO NAZARENO



Apresentação

“Escuta, ó Israel” (*Shemá*, Israel).

É essa a disponibilidade sobre a qual o judaísmo fez sua história ao longo de milênios e que se tornou a principal oração do povo eleito – Dt 6,4.

Escutar.

“Este é meu Filho amado; escutai-o!”

Da nuvem, durante o episódio da transfiguração, esta é a palavra do Pai aos amigos de Jesus (Mt 17,5; Mc 9,7; Lc 9,35). A mesma disponibilidade para a escuta está no cerne do cristianismo.

Escutar.

É isso que faz Padre Roberto Mayer, omi, ou simplesmente Beto Mayer, ou ainda Beto, como gosta de ser chamado.

Beto escuta.

Silêncio, pobreza, amor compassivo.

São as três condições para seguir Jesus Cristo, razão da vida de Beto – e para conseguir escutá-lo.

Beto entendeu e nos ensina que só *silencia* quem fez *pobre* sua vida e seu coração e quem *ama* a ponto de ficar quieto em disponibilidade para o outro; só é *pobre* quem *silenciou* o desejo de fama, riqueza e poder, como Cristo decidiu que seria durante as tentações no deserto, e quem *ama* a ponto de doar tudo; só *ama* quem é verdadeiramente *pobre* e consegue *silenciar* seus ruídos internos para enxergar.

Quem silencia, empobrece e ama, consegue abrir espaço no coração e no ouvido para escutar.

É o que faz Beto.

Beto é um monge no mundo.

Por isso, além de seguir a orientação do Deuterônimo e atender à convocação do Pai para a escuta do Filho, ele atende à prescrição primeira de São Bento em sua Regra: “Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração”.

É essa a característica essencial da escuta de Beto.

Ele inclina o ouvido do coração para escutar, que é, na verdade, sua ação pastoral.

Beto não “faz nada”, de acordo com a concepção dominante na sociedade, que demanda ativismo e “realizações”.

Ele escuta as centenas de pessoas entre padres, religiosos, religiosas, leigos e leigas de quem é diretor espiritual; as comunidades que acompanha pregando retiros; e a sua querida Fraternidade Missionária Carlos de Foucauld. Escuta inclinando o ouvido de seu coração para cada pessoa e comunidade, porque sabe que em cada pessoa é Cristo que se está aproximando.

Quem já teve a alegria de participar de um dos retiros de Beto sabe que não se trata de um encontro no qual o “pregador” fala, fala, fala e os participantes escutam. Beto pouco fala.

Ele prepara-nos.

Prepara-nos para escutar. Textos breves e uma fala breve a cada sessão nos retiros, a encaminhar os participantes para esta postura essencial: escutar. Passamos o tempo nos retiros buscando escutar. Não é para escutar a ele, Beto, que somos preparados. Não. Beto conduz-nos para escutar aquele que é a própria Palavra. E, se aprendermos algo nos dias de retiro, quem sabe conseguiremos aproximar nosso ouvido do coração? É o convite que este livro nos faz.

Em Beto, nada é um fardo.

Tudo é escolha que, quem o conhece, sabe que se renova a cada dia: silêncio, pobreza, amor compassivo. Por isso, vive em alegria; sabe que tudo é uma grande bênção que o Senhor derrama continuamente. É disso que nos fala em suas “pistas”.

Mas não pense em confundir esse jeito de ser de Beto com passividade. Seus textos são todos eles denúncia do sistema neoliberal diabólico que se implantou como negação do Reino. Em suas “pistas”, como você verá ao longo do livro, Beto é capaz de articular as questões mais amplas, concernentes a toda a humanidade, nas dimensões política, econômica, social e cultural, com a mais absoluta intimidade de cada pessoa.

O *irmãozinho universal*, Carlos de Foucauld, de que Beto tornou-se íntimo, mesmo agora, depois de 100 anos de sua morte (em 1º de dezembro de 2016), era assim também, capaz de mergulhar na profundidade de cada *ser humano* e na universalidade que os reúne todos como *seres humanos*. Por isso, intimidade de *irmãozinho*, abrangência de quem se fez *universal*.

Beto e seu irmãozinho Carlos, nosso irmãozinho, são assim.

Abandonados ao Senhor, humildes seguidores do manso e humilde. Escutadores.

MAURO LOPES

em 17 de dezembro de 2016,

Memória de São Lázaro, amigo de Jesus,

e no 80^o aniversário do Papa Francisco

Introdução

Este livro é resultado da caminhada da Fraternidade Missionária Carlos de Foucauld, que nasceu em 28 de março de 1980, durante uma missão popular realizada perto do cemitério na aldeia de Meia Ponte, na cidade de Itumbiara, Goiás. Ao olhar e refletir sobre a pobreza dos *ossos secos espalhados pelo chão do cemitério* em Meia Ponte, foi recordada a profecia de Ezequiel. Sentimos um chamado agraciante a colocar nossas vidas em discipulado missionário, formando uma fraternidade de vida. O texto contemplado foi:

A mão de Javé pousou sobre mim e o espírito de Javé me levou e me deixou num vale cheio de ossos. E o espírito me fez circular em torno deles, por todos os lados. Notei que havia grande quantidade de ossos espalhados pelo vale e que estavam todos secos. Então

Javé me disse: “Criatura humana será que esses ossos poderão reviver?”. Eu respondi: “Meu Senhor Javé, tu que sabes”. Então ele me disse: “Profetize, dizendo: Ossos secos ouçam a palavra de Javé! Assim diz o Senhor Javé a esses ossos: Vou infundir um espírito, e vocês reviverão. Vou cobrir vocês de nervos, vou fazer com que vocês criem carne e se revistam de pele. Em seguida, infundirei o meu espírito, e vocês reviverão. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé”.

Profetizei, de acordo com a ordem que havia recebido. Enquanto eu estava profetizando, ouvi um barulho e vi um movimento entre os ossos, que começaram a se aproximar um do outro, cada um com o seu correspondente. Observando bem, vi que apareciam nervos, que iam sendo cobertos de carne e que a pele os recobria; mas não havia espírito neles. Então Javé acrescentou: Profetize e diga: “Assim diz o Senhor Javé: Espírito, venha dos quatro ventos e sopra nestes cadáveres, para que revivam”. Profetizei conforme ele havia mandado. O espírito penetrou neles, e reviveram, colocando-se de pé. Era um exército imenso.

Em seguida, Javé me disse: “Criatura humana, esses ossos são toda a casa de Israel. Os israelitas andavam dizendo: ‘Nossos ossos estão secos e nossa esperança se foi. Para nós, tudo acabou’. Pois bem! Profetize e diga:

Assim diz o Senhor Javé: Vou abrir seus túmulos, tirar vocês de seus túmulos, povo meu, e vou levá-los para a terra de Israel. Povo meu, vocês ficarão sabendo, que eu sou Javé, quando eu abrir seus túmulos, e de seus túmulos eu tirar vocês. Colocarei em você o meu espírito, e vocês reviverão. Eu os colocarei em sua própria terra, e vocês ficarão sabendo que eu, Javé, digo e faço – oráculo de Javé” (Ez 37,1-14).

Começamos também a fazer uma leitura contemplativa do livro *Fermento na massa*, de René Voillaume, inspirado na espiritualidade e mística do Irmãozinho Carlos de Foucauld. O livro servia para as congregações que René Voillaume fundou na França em 1933: dos *Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus* e dos *Irmãozinhos e Irmãzinhas do Evangelho*.

Éramos apenas três pessoas: Elvira Leite Pinto, que faleceria 25 anos depois, num acidente rodoviário no Vale de Jequitinhonha, a 672 quilômetros de Belo Horizonte; Therezinha de Jesus Corrêa e eu, Beto Mayer.

Interessante é que nós três tínhamos levado na missão somente a Bíblia e o livro *Fermento na massa*, sem que tivéssemos combinado nada antes.